



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**FACULDADE DE LETRAS – FALE**  
**CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA PORTUGUÊS**

**Adriana Bezerra Lima da Costa**

**UMA ANÁLISE COMPARADA DE “O MENINO QUE ESCREVA VERSOS”, DE  
MIA COUTO, E AS AVENTURAS DE NGUNGA, DE PEPETELA: CAMINHOS  
PELAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Maceió

2021

ADRIANA BEZERRA LIMA DA COSTA

**UMA ANÁLISE COMPARADA DE “O MENINO QUE ESCREVA VERSOS”, DE  
MIA COUTO, E AS AVENTURAS DE NGUNGA, DE PEPETELA: CAMINHOS  
PELAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito final à obtenção do título de graduada em Letras Licenciatura Português da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Faculdade de Letras (FALE), orientado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Ana Clara Magalhães de Medeiros

Maceió

2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

C837a Costa, Adriana Bezerra Lima da.  
Uma análise comparada de “O menino que escrevia versos” de Mia Couto e  
“As aventuras de Ngunga”, de Pepetela: os caminhos pelas literaturas africanas de  
língua portuguesa / Adriana Bezerra Lima da Costa. – 2021.  
36 f.: il.

Orientadora: Ana Clara Magalhães Medeiros.  
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - licenciatura) –  
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 35-36.

1. Literatura africana de língua portuguesa. 2. Mia Couto. 3. Pepetela. I. Título.

CDU: 82(6)=690



**ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Adriana Bezerra Lima da Costa**

CURSO: Letras Português / MATRÍCULA: 21110015

TÍTULO DO TCC: “Uma análise comparada de “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto, e *As aventuras de ngunga*, de Pepetela: caminhos pelas literaturas africanas de língua portuguesa

Ao(s) 07 dia(s) do mês de dezembro do ano de 2021, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Ana Clara Magalhães de Medeiros

1º Prof./a Examin./a: Susana Souto Silva

2º Prof./a Examin./a: Francisco Jadir Lima Pereira

que julgou o trabalho ( X ) APROVADO ( ) REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a : 7,5 (sete pontos e meio)

1º Prof./a Examin./a: 7,0 (sete pontos)

2º Prof./a Examin./a: 7,5 (sete pontos e meio)

totalizando, assim a média: 7,3 (sete pontos e três décimos) e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

*Ana Clara Magalhães de Medeiros*

Maceió, 07 de dezembro de 2021.

Prof./a Orientador/a: Ana Clara  
Magalhães de Medeiros

*Ana Clara Magalhães de Medeiros*

1º Prof./a Examin./a: Susana  
Souto Silva

*Susana Souto Silva*

2º Prof./a Examin./a: Francisco  
Jadir Lima Pereira

*Francisco Jadir Lima Pereira*

Profª Drª Lorena A. O. Borges  
Coordenadora Letras-Português  
SIAPE 1414920

VISTO DA COORDENAÇÃO



inclusão **Universidade Federal de Alagoas - Ufal**  
expansão Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins  
inovação - Maceió - AL, CEP: 57072-970

**Coordenação da Faculdade de Letras – Fale Sítio:**

[www.fale.ufal.br](http://www.fale.ufal.br) E-mail: [coordlet@ufal.br](mailto:coordlet@ufal.br) Fone (82) 3214-1333

Aos meus familiares, amigos, professores e colegas de trabalho, pelo companheirismo e incentivo; especialmente a meus pais pelo amor, educação e dedicação em todos os momentos a mim concedidos, dedico-lhes este trabalho como forma de gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por me encher de força e determinação para a realização desta conquista acadêmica sem me desamparar nos momentos difíceis.

À minha família pelo encorajamento para chegar até aqui e pela confiança de que iria conseguir concluir este curso.

Aos meus amigos pessoais e aqueles que conquistei no decorrer do curso, por todos os momentos nesse longo e difícil percurso.

Aos professores pela colaboração ao longo do curso e concessão de experiência para meu aprendizado e formação.

À minha orientadora, que em pouco tempo conseguiu entender a proposta do meu trabalho e extrair de mim o necessário para desenvolvê-lo. Realmente foi muito importante sua dedicação a mim em tão pouco tempo.

Finalmente, agradeço a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para o desenvolvimento econômico do meu trabalho e deste curso.

*Se Ngunga está em todos nós, que esperamos então para o  
fazer crescer?*

(Pepetela)

## RESUMO

A literatura, em todas as suas formas e gêneros, é um retrato da realidade de uma sociedade, descrevendo sua história e sua cultura. A literatura escrita produzida nos países africanos de Língua Portuguesa, tornados independentes na segunda metade do século XX, registra esses fatores por meio de seus versos e suas narrações. O objeto de estudo deste trabalho compõe-se de obras de Mia Couto (moçambicano) e Pepetela (angolano), que são autores que problematizam questões de identidade, inclusão e exclusão, bem como as consequências da busca pela modernidade nos seus países em um esforço construtivo coletivo para projetar um modelo alternativo e anti-colonial de identidade moçambicana. Este trabalho empreende uma interpretação crítica de trabalhos de Mia Couto e Pepetela, abordando aspectos socio-culturais nas obras em prosa *As aventuras de Ngunga* (1972), romance de Pepetela, e *O menino que escrevia versos* (2003), conto de Mia Couto. A linguagem e o estilo narrativo destas obras permitem a expressão de emoções, frustrações e triunfos de seus personagens, ao mesmo tempo em que registram, historicamente, o estilo de vida local e a resistência a atos neocoloniais de autoridade e opressão, preservando locais culturais dentro dos quais a memória coletiva, a identidade e a ação são integradas e tem potencial de transformação social. Por meio de teorias de Rita Chaves, Inocência Mata, Marcelo Caetano, entre outros, pode-se depreender que os autores escrevem processos de transculturação e reterritorialização que criam uma nova ligação entre cultura e espaço, recuperam tradições, sistemas de crenças, exercem referências sobre a língua por meio da inscrição cultural e, finalmente, liberam o paradigma da identidade, permitindo a inclusão da diversidade na narrativa do plano nacional.

**Palavras-chave:** Literatura; Literatura Africana de Língua Portuguesa; Mia Couto; Pepetela.

## ABSTRACT

Literature, in all its forms, is a portrait of the reality of a society, describing its history and culture. Literature written in Portuguese-speaking African countries, which became independent in the second half of the 20th century, records these factors through their verses and narrations. The object of study of this work is composed of works by Mia Couto (Mozambican) and Pepetela (Angolan), who are authors who problematize the issues of identity, inclusion and exclusion, as well as the consequences of the search for modernity in their countries in a collective constructive effort to design an alternative and anti-colonial model of Mozambican identity. This work undertakes a critical interpretation of works by Mia Couto and Pepetela, approaching the socio-cultural aspects of the prose works *As Aventuras de Ngunga* (1972), a novel by Pepetela, and *O Menino que Escrivia Versos* (2003), a short story by Mia Couto. The language and narrative style of these works allow the expression of emotions, frustrations and triumphs of their characters, while historically recording the local lifestyle and resistance to neocolonial acts of authority and oppression, preserving cultural sites within of which collective memory, identity and action are integrated and have the potential for social transformation. Through theories of Rita Chaves, Inocência Mata, Marcos Vinicius Caetano da Silva, among others, it can be inferred that the authors write processes of transculturation and reterritorialization that create a new connection between culture and space, recover traditions, belief systems, they exercise references to the language through cultural inscription and, finally, they release the paradigm of identity, allowing for the inclusion of diversity in the narrative of the national plan.

Keywords: Literature; African Literature; Mia Couto; Pepetela.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura1:</b> Mia Couto .....	16
<b>Figura2:</b> Capa do livro <i>O fio das Missangas</i> .....	19
<b>Figura3:</b> Pepetela .....	24
<b>Figura 3:</b> Capa do livro <i>As avneturas de Ngunga</i> .....	26

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: COLONIZAÇÃO E LIBERTAÇÃO COLONIAL.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 LUTA ANTICOLONIAL ANGOLANA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 LUTAS POR LIBERTAÇÃO MOÇAMBICANA .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 O PÓS-COLONIAL NA LITERATURA AFRICANA .....</b>	<b>15</b>
<b>2 MIA COUTO – ESCRITOR MOÇAMBICANO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 ESCRITA DE MIA COUTO.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 O MENINO QUE ESCREVA VERSOS – POR DENTRO DO CONTO.....</b>	<b>19</b>
<b>3 PEPETELA - ESCRITOR ANGOLANO.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 A ESCRITA DE PEPETELA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2. AS AVENTURAS DE NGUNGA, DE PEPETELA .....</b>	<b>26</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

A literatura é definida como uma manifestação artística do ser humano, é exercício de fazer arte usando as palavras, a criatividade e o imaginário, mas além disto, ela é um retrato de uma realidade que reproduz história, cultura e costumes.

Cabe ressaltar aqui que, ao retratar o contexto social, político e cultural de determinado tempo cronológico ela não é exatamente um espelho, um reflexo, pois seria impossível tirar um decalque da realidade e colocar em palavras, a literatura aqui assume um papel de representação, em que elementos são reais e outros partem do imaginário do escritor.

Segundo Antonio Candido, –literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (CANDIDO, 2006, p. 29), comprovando que por meio dos textos literários é possível estabelecer noções e conhecimentos sobre cada modo de viver das sociedades.

Ao longo dos anos, a literatura também foi exercendo outra função, que segundo Umberto Eco é de manter registros linguísticos, seja de modo a conservar e passar para gerações futuras a linguagem de um povo, ou ainda formas individuais de comunicação como registrado no trecho:

A literatura mantém em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo (...) mas a prática literária mantém em exercício também a nossa língua individual (ECO, 2011, p.10-11)

Tendo esses apontamentos sobre a literatura, pode-se então começar a discussão sobre o tema principal deste estudo: a literatura africana de língua portuguesa.

A literatura africana escrita em Língua Portuguesa desponta nos anos 1950, portanto, na década anterior à independência de vários países africanos, mas se desenvolveu especialmente após a independência dos estados-nação e após as lutas por descolonização do jugo europeu – em nosso caso, lusitano. É uma literatura autônoma, independente, que aparece em programas de escolas e universidades nos continentes africano e europeu, bem como no Brasil.

Essa literatura é reconhecida por seu caráter pessoal, os autores a utilizam em geral para descrever sua realidade. Os trabalhos publicados focalizaram principalmente a luta pela independência ou refletiram sobre regimes coloniais, pós-coloniais e possíveis

tentativas de lutar contra eles. Hoje, são os temas de exílio e regimes ditatoriais que dominam.

Os principais escritores dessa literatura são pessoas que fazem parte da elite destes países, já que muitos deles estudaram em outros países e vivenciaram outras realidades. A partir disto, conseguem ter um olhar aproximado das vivências, mas também podem ter um olhar crítico, que faz com que opinem sobre o que vêem e sobre o que escrevem.

A literatura oral africana em língua portuguesa não pode ser esquecida ou deixada de lado, pois é uma verdadeira riqueza linguística do continente africano e está totalmente integrada às práticas sociais, mostrando uma vivacidade nunca demonstrada. Também se expandiu após o fim da colonização, mantendo uma dinâmica própria, como relata Maria Margareth Soares Fonseca:

Para muitos, a riqueza das tradições orais define modos de ser e de perceber o mundo, fazendo, portanto, mais sentido para os povos do continente. É claro que essa posição faz parte de um critério de valoração de uma produção textual oral que se mostraria mais afeita aos africanos e, por extensão, às produções literárias produzidas por escritores africanos. Decorre dessa posição a ideia de herança oral como traço revelador da especificidade literária africana que se voltaria, por isso, aos gêneros orais praticados pelas sociedades pré-coloniais no continente africano (FONSECA 2016, p. 15)

A literatura africana é inestimável para o continente africano, para a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e para a Europa – que carece de revisar suas práticas eurocêntricas e colonizatórias. Essa literatura que mistura transformação histórica, criatividade, comprometimento político e refinado valor estético merece um interesse ainda mais sistematizado da comunidade internacional.

## **1 PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: COLONIZAÇÃO E LIBERTAÇÃO COLONIAL**

O continente africano tem sua formação e divisão em territórios e países através da colonização europeia nos séculos 15 e 16, com a colonização europeia. Essa parte da história africana se assemelha à história do Descobrimento do Brasil por Portugal. No caso da África também já existiam povos nativos naquele território e com as grandes navegações da época em busca de novos territórios e novas riquezas, vários países europeus, e não apenas um como no caso do Brasil, chegaram a regiões diferentes do continente tomando posse e colonizando aqueles povos.

Cada país europeu chegou a regiões diferentes, sendo necessário o estabelecimento de fronteiras para dividir a região. A colonização da África veio de diversos países, como França, Portugal, Alemanha, Bélgica, entre outros. Portugal, país europeu falante da Língua portuguesa, colonizou cinco territórios que se tornaram colônias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Essa colonização não foi ao todo pacífica, já que o Portugal, como colonizador impôs um regime de submissão aos nativos daquele território, situação que após muito tempo passou a ser inaceitável para eles, dando início às lutas contra isso e à favor de independência.

Angola e Moçambique são ex-colônias de Portugal que passaram por esses processos de grandes lutas que serão detalhados a seguir.

### **1.1 LUTA ANTICOLONIAL ANGOLANA**

Os portugueses chegaram ao território africano no século XVI e lá se instalaram com o objetivo de exploração de recursos naturais, mas com essa exploração e dominação. Em Angola, os povos nativos transformaram-se em escravos até o fim do século XVIII, em que funcionou como um fornecedor de escravos para outras colônias portuguesas, inclusive para o Brasil.

No início do século XX, começaram a serem criadas frentes e partidos que promoviam ideias de libertação e agitação política junto da população, os principais deles foram o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a União dos Povos de Angola (UPA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). De 1961 a 1975 grandes eventos de guerra aconteceram entre angolanos e portugueses, a luta armada de

libertação nacional, que culminaram na independência de Angola estabelecida em 15 de Janeiro de 1975.

Em textos da literatura africana é possível perceber traços que contam a história da colonização e das lutas por libertação. Como, por exemplo, neste trecho do poema de Agostinho Neto (1978) intitulado –Adeus à hora da largada!:

(...)  
 Hoje  
 somos as crianças nuas das sanzalas do mato  
 os garotos sem escola a jogar a bola de trapos  
 nos areais ao meio-dia  
 somos nós mesmos  
 os contratados a queimar vidas nos cafezais  
 os homens negros ignorantes  
 que devem respeitar o homem branco  
 e temer o rico  
 somos os teus filhos  
 dos bairros de pretos  
 além aonde não chega a luz elétrica  
 os homens bêbedos a cair  
 abandonados ao ritmo dum batuque de morte  
 teus filhos  
 com fome  
 com sede com vergonha de te chamarmos Mãe  
 com medo de atravessar as ruas  
 com medo dos homens  
 nós mesmos  
 Amanhã  
 entoaremos hinos à liberdade  
 quando comemorarmos  
 a data da abolição desta escravatura  
 Nós vamos em busca de luz  
 os teus filhos Mãe  
 (todas as mães negras  
 cujos filhos partiram)  
 Vão em busca de vida. (NETO, 1978)

Neste poema, observa-se na descrição feita pelo eu - lírico todo o sofrimento e todas as consequências trazidas pela escravidão para o angolano, voltando à realidade vivida no momento, mas também há um fio de esperança de liberdade que será trazida pela abolição da escravatura ou, ainda trazendo para um cenário geral, pela independência de Angola.

Além do escritor Agostinho Neto, que é um dos intelectuais que estudou em Portugal e também fez parte de movimentos que lutavam pela libertação e escrevia poemas nacionalistas e históricos, outros escritores mostram por meio de suas escritas a história de

Angola como: Noémia de Sousa, considerada mãe dos poetas moçambicanos, é uma das primeiras escritoras que têm destaque; José Luandino Vieira, que também participou de movimentos pela libertação e escreveu muitas de suas obras publicadas enquanto estava preso pela repressão da polícia portuguesa; Paulina Chiziane, que fala de maneira poética e triste da condição de ser mulher não só em Angola, mas de uma maneira geral; José Eduardo Agualusa, que não viveu na guerra, mas tem memórias do que aconteceu e demonstra em suas obras uma ideia de resistir ao esquecimento do passado, que ele ensina sobre o presente e sobre o futuro; e por último pode-se citar o Pepetela, autor da obra que será analisada e que publica desde os anos 1980, ele também participou dos movimentos articulados de independência, esteve dentro da guerrilha e mesmo tendo participado e sendo membro do MPLA olha de maneira crítica para a história da guerra.

## 1.2 LUTAS POR LIBERTAÇÃO MOÇAMBICANA

A história conta que os portugueses chegaram ao território de Moçambique no ano de 1498, ocupando o espaço e fazendo surgir mais uma colônia de Portugal. Em comparação a Angola, em Moçambique a quantidade de escravizados foi menor no início da colonização, mas com o passar do tempo foi crescendo devido à abertura dos portos e devido ao aumento do número de expedições em busca desta mão-de-obra para os trabalhos braçais. Isso é bem retratado na obra do moçambicano José Craveirinha no poema Grito Negro:

Eu sou carvão!  
 E tu arrancas-me brutalmente do chão  
 e fazes-me tua mina, patrão.  
 Eu sou carvão!  
 E tu acendes-me, patrão,  
 para te servir eternamente como força motriz  
 mas eternamente não, patrão.  
 (...) (CRAVEIRINHA, 1980)

Pode-se depreender destes versos um discurso de revolta, quando o eu lírico afirma ser o carvão do seu patrão, usando a palavra carvão com toda sua ambigüidade, se referindo à sua cor preta e à sua função de ser queimado para dar riquezas ao patrão, mas ainda é possível enxergar que este eu lírico não está conformado com sua situação dizendo que não será eternamente assim, ou seja, há um sentimento de revolta e desejo de se tornar livre.

A liberdade de Moçambique começa a ser desenhada a partir do ano de 1960, quando houveram mudanças políticas que impediam o desenvolvimento da população negra da colônia, gerando algumas manifestações que acabaram tomando grandes proporções como o surgimento da FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique que após anos na liderança teve uma nova aliada na luta que foi a RENAMO, Resistência Nacional Moçambicana que liderou e organizou combates de 1964 a 1975 unindo-se a outros grupos de batalha, conseguindo após muitos anos a proclamação da Independência Nacional de Moçambique.

Na literatura de Moçambique vários autores e intelectuais se destacam como José Craveirinha, autor do poema citado acima que é considerado um dos primeiros poetas da revolução; Ungulani Ba Ka Khosa, um escritor bem importante que tem como característica principal usar vários vocábulos de línguas nativas da África em suas obras, explicando-os dentro do próprio texto; e Mia Couto que hoje é o escritor africano de língua portuguesa mais lido e que traz em suas obras discussões dos mais variados temas.

### **1.3 O PÓS-COLONIAL NA LITERATURA AFRICANA**

Após a independência política de Angola e Moçambique, foi constatado que os anos de colonização deixaram uma herança linguística para estes africanos, já que a língua portuguesa havia sido imposta a eles durante muitos séculos. A língua portuguesa, então, passou a assumir um lugar de evidência que contribui ainda para a descoberta da identidade da população, como citado por Bethania Mariani, 2008:

Quando nos debruçamos sobre a história das línguas em uma situação de colonização linguística, quando tomamos as línguas em seu percurso como objeto simbólico, elemento constitutivo de identidade nacional, podemos perceber esses efeitos. (...) Não há processo colonizador que não tenha passado pelo acontecimento linguístico que resulta da imposição violenta da língua do colonizador, uma imposição que confronta línguas com funcionamentos e memórias sociais distintas. (MARIANI, 2008, p.73)

O que também é importante é a apropriação da língua pelos colonizados, já que é característica de qualquer língua estar em movimento e mudança, a língua portuguesa

já não é a que os colonizadores levaram, mas é uma língua portuguesa transformada e cheia de novos vocábulos incorporados pelos seus novo falantes. (CHAVES, 2000, p. 250)

## 2 MIA COUTO – ESCRITOR MOÇAMBICANO



Figura 1: Mia Couto

Fonte: <https://blog.estantevirtual.com.br/2016/07/05/sete-obras-essenciais-de-mia-couto/>

Mia Couto, nascido em Antonio Emílio Leite Couto, é um biólogo profissional e um dos mais conhecidos e mais célebres escritores moçambicanos, tanto no seu próprio país, como em Portugal, no Brasil e internacionalmente para além da Comunidade de Países de Língua Portuguesa - CPLP. Seus trabalhos foram publicados em mais de vinte países e foram amplamente traduzidos, incluindo inglês, francês, alemão, italiano, sérvio, catalão, espanhol, estoniano e holandês. Durante toda sua carreira, ele foi agraciado com vários prêmios literários de prestígio, dos quais alguns se destacam.

Em 1995 ganhou o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos. Em 1999, o Prémio Vergílio Ferreira, de Portugal. Em 2002, um júri internacional na Feira Internacional do Livro do Zimbábue votou em seu romance de estréia, Terra Sonâmbula, entre os doze melhores livros africanos do século XX. Em 2007, ele se tornou o primeiro receptor africano da renomada Latin Union Award de Línguas Românicas. Em 2013, foi-lhe concedido o Prémio Camões de Literatura, prêmio internacional de referência (criado por Portugal e Brasil) honrando o trabalho dos escritores de língua portuguesa. Em 2014, o mesmo autor recebeu Prémio Norte-Americano Neustadt International de Literatura (também conhecido como –American Nobel) por sua obra.

Mia Couto é um homem moçambicano branco. Ele é um objeto desejado da atenção da mídia de Portugal. Como filho de colonos portugueses em Moçambique, e um dos protagonistas na construção da identidade nacional moçambicana, ocupa uma dupla posição: de insider, que pertence à cultura moçambicana e a conhece do lado de dentro, e

outsider, já que é filho de colonos portugueses e tendo estudado em Portugal também tem a visão de fora da cultura do país, Josilene Silva Campos (2009) comprova isto dizendo:

Embora Mia Couto tenha nascido e se criado em Moçambique, sua herança cultural é também ocidental, portuguesa. Ele conhece as culturas africanas de maneira empírica, convive permanentemente com um ambiente cultural híbrido. Essa experiência como sujeito pertencente a vários universos paradoxalmente distinto ajudou-o a compreender e enxergar como os sujeitos são múltiplos e as culturas são permanentemente dinâmicas. (CAMPOS, 2009, p. 73)

A carreira de Mia Couto começou com sucesso com jornalismo e poesia, mas foi com prosa fictícia que ele adquiriu seu status atual. A sua escrita tem a influência de autores como o poeta moçambicano José Creveirinha e o escritor angolano Luandino Vieira.

De acordo com Patrick Chabal (1994, p. 277), -Mia Couto está na vanguarda dos que tentam integrar o português de Moçambique na sua escrita. No entanto, o escritor recebeu elogios por sua estética além da experimentação linguística. Chabal (1994, p.277) também afirmou que -Mia Couto indubitavelmente está na vanguarda da redação em prosa no país, sendo escritor da novela *Terra Sonâmbula* de 1992 como uma das entradas do gênero em Moçambique. Além disso, o crítico acrescenta que tanto o assunto quanto a qualidade literária são eminentemente inovadores e concluiu que suas histórias curtas como seu romance são notáveis para imaginação e linguagem.

Ribeiro e Moreira (2019) afirmam que na obra literária de Mia Couto, a distinção entre texto oral e escrito torna-se tênue:

A tradição oral ajuda a reciclar e reavivar a memória coletiva e a cultura tradicional do povo moçambicano, mas a oralidade em si só não chega para combater o esquecimento; é preciso escrever para reforçar e diversificar o processo de recriação (...) As narrativas curtas de Mia Couto são fundamentalmente orais, no sentido em que a sua escrita está enraizada numa tradição de oralidade, como toda a cultura africana, tornando-a igualmente depositária da memória ancestral, pois os seus textos, ao dialogarem com acontecimentos contemporâneos, contribuem para produzir novos significados para as identidades individuais e colectivas de Moçambique. (RIBEIRO e MOREIRA, 2019, p. 138-139)

Por meio da escrita, a tradição oral, os costumes, as crenças e os sujeitos são destacados e lembrados.

Para Mia Couto, a língua de sua literatura não é a língua falada nas ruas, tampouco é o português falado em Portugal, já que sua intenção é experimentar a liberdade que a literatura permite (Couto 1998). Por vezes, as palavras das línguas moçambicanas aparecem

no texto em português. Novamente, isso é um eco, já que o núcleo da nova linguagem literária de Couto é feito de transformações dentro e através da própria língua portuguesa. O autor mesmo adverte:

Eu sou de origem portuguesa, sou alguém que parte da sua própria língua materna e quero provar que essa operação não é uma operação de simples fachada, mas que, dentro da minha própria língua – que também já é uma língua moçambicana – essas operações se podem fazer profundamente, sem fazer uso das línguas bantos – outros provavelmente estarão mais à vontade para fazer isso. (COUTO, 1998, p. 1019)

Esta é uma dimensão crítica da linguagem literária de Mia Couto. Emerge principalmente fora do encontro entre a língua portuguesa com as culturas africanas em vez de exclusivamente com suas línguas.

No caso de Mia Couto, o escritor não se afasta de uma língua materna subalterna que se esforça para emergir na escrita de uma língua dominante, o Português. Ele alude, no entanto, a essa posição de subalternidade linguística que caracteriza a experiência da maioria dos moçambicanos, e dá-lhe fruição na sua escrita.

O autor, portanto, faz uso da liberdade permitida à poesia e do artesanato do poeta para transformar a linguagem de sua prosa – seja expressa em novelas, contos o romances – em uma linguagem acessível aos seus leitores, sem deixar de estar carregada de significados.

## **2.1 ESCRITA DE MIA COUTO**

A escrita de Mia Couto é conhecida por representar realidades vividas e observadas no cotidiano de sua vivência em Moçambique, discutindo por meio de poemas e narrativas várias temáticas como: a questão da identidade africana, a conceituação de raça, entre outras. Nas suas narrativas, ele também fala das diferenças de culturas e costumes que são resultados de anos de colonização e escravidão. Há também a presença de críticas sociais, não apenas em relação ao processo de colonização de Moçambique, mas também dos caminhos que levaram à guerra de independência.

Quanto ao estilo e à estética de Mia Couto, observa-se que prosa e poesia dialogam entre si, contendo elementos de ambos em suas obras. O escritor tem uma vasta produção de romances publicados, entre eles: *Vozes Anoitecidas* (1987); *Terra Sonâmbula* (1992); *O*

*Último Voo do Flamingo* (2000); *O Fio das Missangas* (2003); entre outros.

No livro *O fio das Missangas* de 2003, Mia Couto traz 29 contos. O autor diz em seu prefácio que –A missanga, todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo. (COUTO, 2003, p. 06). Esta citação confirma a ideia de que a voz do poeta não é observada como os poemas em si, ou seja, não se pensa no poeta, e sim na sua obra. Os contos desta obra são pequenos e em todos eles há a presença de elementos do cotidiano de uma família moçambicana com pouco poder aquisitivo e que passa por uma situação a ser analisada.

## 2.2O MENINO QUE ESCREVA VERSOS – POR DENTRO DO CONTO



Figura 2: Capa do livro *O Fio das Missangas*

Fonte: <https://www.amazon.com.br/fio-das-missangas-Mia-Couto/dp/8535927840>

Em *O Menino que Escrevia Versos*, conto do livro *O fio das Missangas* de 2003, Mia Couto recorre à história de um menino para falar da influência da família e da escola no desenvolvimento das crianças, assim como retratar várias maneiras de ver a leitura e a produção poética.

No conto aparecem quatro personagens: o pai, o qual não é colocado o nome; a mãe, Dona Serafina; o menino, também sem nome; e o médico. É narrado em terceira pessoa com a presença de um narrador observador, as ações se passam no consultório médico e o tempo é cronológico com alguns flashbacks.

O fato que dá origem à narrativa, aparentemente, poderia ser considerado normal em uma sociedade como a brasileira, por exemplo, mas é necessário lembrar que a situação

acontece na sociedade moçambicana, então o fato de um menino ser encontrado escrevendo versos foi colocado como uma aberração, algo fora do comum.

O pai do menino não tinha estudo, não sabia nem ler nem escrever e não tinha nenhum outro tipo de conhecimento que não fosse de mecânica, como fica explícito neste trecho: -O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. (COUTO, 2009, p. 131).

A mãe, única personagem chamada pelo nome Dona Serafina, é uma esposa submissa ao seu marido, conformada com o jeito que vive e com grandes problemas de econômicos como é comprovado no trecho -a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo (COUTO, 2009, p. 131).

O menino é uma simples criança que vai á escola para aprender e passa a escrever versos para tentar esquecer sua dura realidade. O médico é um clínico, possivelmente geral e particular, que atende à comunidade em que a família mora.

O conto inicia-se com um verso escrito pelo menino, que diz:

De que vale ter voz  
se só quando não falo é que me entendem?  
De que vale acordar  
se o que vivo é menos do que o que sonhei?  
(COUTO, 2009, p. 131)

Neste início já é possível perceber quão profundas são as insatisfações do menino para com a vida, ele se queixa por duas razões: a de falar e não ser ouvido, de sua opinião e sua voz não serem entendidas pelos seus pais ou pelas pessoas que o rodeiam; e da realidade em que vive que é precária e pouca coisa se compara aos seus sonhos e às suas expectativas.

Após os versos produzidos pelo menino, é narrado um episódio na vida desta família, quando a mãe leva o filho ao médico, a uma consulta. O que pega o leitor de surpresa é o motivo: o fato de o menino escrever versos. Esta primeira consulta mostra também outros fatores, como o fato de a mãe estar indo levar o filho sozinho ao médico, pois se imagina que o pai está no trabalho, há também a primeira percepção da postura do médico, que se encontra de cabeça baixa, provavelmente cansado de tantas consultas ou de tantos casos iguais naquele dia e que levanta seu olhar com muito esforço para fazer perguntas que sempre faz aos seus pacientes, se há antecedentes na família. A partir daí descobre-se também o grau de instrução desta mãe ao não entender a palavra -antecedente, sendo necessária a explicação por parte do doutor.

Neste ponto da narrativa há a descrição da vida do casal quando ela conta que o pai da criança é mecânico desde seu nascimento, provavelmente herdou o negócio de sua família, dizendo também que ele é preguiçoso, não tendo se interessado em aprender de leitura e que a tratava bem, mas não chegava a ser um poço de doçura.

Tem-se então um flashback quando dona Serafina lembra-se do elogio do marido em sua noite de núpcias — — Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.¶ (COUTO, 2009, p. 131). Em seguida pode-se constatar a sua satisfação com a vida que leva, pois o elogio que recebeu é comovente, ela diz também que em meio a elogios como este e em seus namoros foi que o filho foi gerado. Uma passagem que chama atenção para os costumes da família é a seguinte: -nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.¶ (COUTO, 2009, p. 131), em que se pode notar que a oficina ou é próxima ou é na própria casa da família, já que o óleo de combustível chega até aos lençóis da cama.

Segundo Dona Serafina, tudo ia na mais perfeita ordem até que começaram a aparecer papéis rabiscados com versos pelos cantos da casa. Fato que por não ser normal naquela família foi estranho e preocupante, até o menino assumir que eram seus.

A partir daí, o pai que só tinha aparecido, na narrativa, por meio da voz e do pensamento da mãe do menino e com um perfil de marido bom e provedor, aparece em outro flash-back e assume um lugar de crítico da educação que o menino está recebendo na escola e de defensor do papel que o homem deve, na opinião dele, ter perante a sociedade, em que o homem deve cedo deve andar em busca de mulheres:

havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto? (COUTO, 2009, p. 131)

Neste trecho há a aversão do pai do menino à escola quando quer tirar seu filho dela, pois segundo ele, só traz coisas ruins como perigosos contágios e más companhias; há também a referência ao namoro juvenil por meio da composição linguística -esfrega-refregall; também há o termo -mariquice intelectualll que é usado para insinuar que o menino de tanto estudar se tornou um maricas que pode ser entendido como um homem fraco ou afeminado e por último há a comparação do filho com um carro, comprovando mais uma vez que este pai só entende de oficina de carros, com o carburador entupido o

qual não funciona e está em ponto morto, que levando isso ao problema do filho, seria que ele não funciona bem. Do ponto de vista linguístico nota-se a palavra *miúdo* que no português de Portugal significa menino.

A mãe do menino não deixa que seu filho deixe a escola, então o pai exige a consulta médica para que o médico fizesse com o menino todo o procedimento que ele fazia com carros:

O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica. Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O queurgia era pôr cobro àquela vergonha familiar. (COUTO, 2009, p. 131)

Para o pai ler e escrever versos era vergonha familiar, então ele pensava e se importava com o que os outros diziam ou podiam dizer de sua família. Mais uma vez o escritor usa uma expressão não conhecida –*pôr cobro*, mas que pode ser entendida pelo contexto, que seria acabar com o problema.

Após este relato feito pela mãe do menino e que o médico está a escutar, o autor do conto faz uma crítica aos médicos que escutam seus pacientes escrevendo receitas antes de examiná-los com a desculpa de poupar tempo. Ao perguntar ao menino se sente dor, o médico se surpreende com a resposta nada convencional do menino que diz que o que dói a ele é a vida e que quando esta doía ele fazia o que sabia de melhor, sonhar. A esta altura o médico estava custando a crer na forma de pensar do menino que era muito novo, mas decidiu nada fazer, pois não tinha tempo para tratá-lo, pois não havia problema algum.

A mãe do menino não se conforma e pede uma última chance, pedindo que o médico examine o que era escrito pelo menino. Este, por sua vez aceita e guarda o caderno sem intenção de levar adiante, mas marcando um retorno na semana seguinte.

Na semana seguinte, pode-se inferir que o médico leu o caderno de versos e ficou maravilhado já que deixa mãe e filho para entrarem por último no consultório e pergunta se o menino continua escrevendo. Mais uma vez o menino surpreende ao dizer que estes escritos são a sua vida, fato que faz o doutor decretar que o que passa com o menino precisa de internamento urgente e que mesmo Dona Serafina dizendo que não tem condições financeiras, ele mesmo assumiria as despesas e que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento.

Observa-se que o médico não diz à mãe qual o problema do menino, então pode-se

dedizer que a mãe não entenderia o que se passava. A história tem um final surpreendente quando narrador fala que:

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo... (COUTO, 2009, p. 132)

Onde se pensava que o menino teria mesmo algum problema, nota-se que simplesmente o médico se encantou com os versos do menino e quis ter estes versos e o que eles poderiam trazer para si, além de perceber que o menino não teria nenhuma evolução ou valorização no seu lar, por isso ele decidiu afastá-lo da má companhia que era seu próprio pai.

Conclui-se que o autor, além de mostrar aspectos culturais nesta narrativa, quis falar do papel da poesia na vida daquele menino e na vida do ser humano, que é um papel trazer leveza, tranquilidade àquele que tem contato com ela.

### 3 PEPETELA - ESCRITOR ANGOLANO

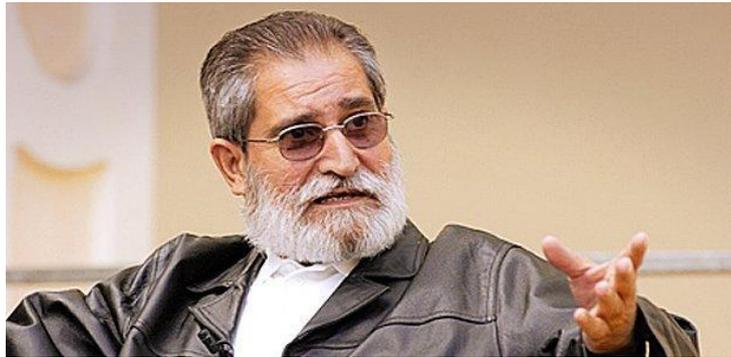


Figura 3: Pepetela

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/2126/pepetela>

O curso de Pepetela segue, em muitos aspectos, o de uma geração de angolanos que foi formada, política e artisticamente, durante o período de lutas pela independência de Angola. Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos é um escritor angolano nascido em 29 de outubro de 1941 em Benguela. Descendente de uma família de colonos que se instalaram nesta região desde várias gerações, Pepetela, após estudos primários em sua cidade natal e ensino médio no Lubango, deixada em 1958 para Lisboa, continuou segundo a vontade de sua família, treinando no Instituto Técnico Superior (Instituto Técnico Superior) antes de ter ingressado em 1960 em cursos de engenharia.

Decidido a se dedicar à escrita, ele se lança com paixão em estudos literários. Este mesmo período é marcado pelo seu compromisso (entre 1960 e 1961) dentro da Casa dos Estudantes do Império, onde ele publica seu primeiro conto e notícias. "A Casa", nome de um lugar emblemático, é também o título do primeiro capítulo de A Geração da Utopia, romance publicado em 1992.

Para fugir do serviço militar no exército colonial português, Artur Carlos Maurício Pestana Santos é exilado em Paris, onde o aconselham a se juntar à Argélia. Em 1963, estabelecido na Argélia, embarcou em estudos de sociologia enquanto participava da criação, em 1964, juntamente com de Henrique Abranches, Adolfo Maria, Kasesa e João Vieira Lopes, do Centro de Estudos Angolano (Centro de Estudos Angolanos) cujo objetivo era, muito sinteticamente dito, a criação de documentação sobre tudo relacionado à realidade angolana (dados etnográficos, antropológico, histórico, econômico, político e outros).

Da Argélia, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, que será em breve conhecido como Pepetela, seu pseudônimo de guerra, juntou-se em 1969 com os

guerrilheiros e participa, como um número de escritores de sua geração, da luta armada pela independência de Angola. Pode-se dizer que está no mato angolano - a comarmas na mão e ao lado de seus companheiros de luta - a o berço de Pepetela, guerrilheiro escritor e / ou escritor de guerrilha.

Pode-se ainda dizer que a decisão de se envolver politicamente desde o início dos anos 60, pode ter mudado definitivamente a vida de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos e marcado, inegavelmente, sua obra literária.

Além de escritor, Pepetela é também professor. É o primeiro angolano a ganhar o Prêmio Camões. Pepetela é certamente o escritor de uma história de Angola que ele conhece por sua própria experiência, e também um sonhador de utopias, como ele próprio descreve. Pepetela nunca se cansa de surpreender com a originalidade de temas constantemente renovados, no entanto, parte de uma problemática geral: a de uma reflexão literária sobre o futuro da nação angolana através de um confronto (político, ideológico e armado) difícil de conciliar.

### **3.1 A ESCRITA DE PEPETELA**

As obras de Pepetela fazem parte da literatura contemporânea de Angola e são caracterizadas por fatores como engajamento político, anticolonialismo, críticas sociais e culturais e valorização da identidade nacional de angolano, tudo isso pode ser observado em seus romances que trazem em si muito da história de seu país.

Segundo Inocência Mata (1999, p. 243), as obras de Pepetela têm a proposta de fazer uma reflexão sobre a história de Angola e essa reflexão é feita por meio de sua escrita que sempre acompanha as transformações pelas quais passa este país como a autora fala:

O lugar fundamental de Pepetela na literatura angolana advém do fato de ele ser um escritor que continua na senda de escrever o país, acompanhando as transformações sociopolíticas e culturais do país, antecipando até as discussões mais incômodas. (MATA, 1999, p.245)

Nos escritos do autor angolano se destacam algumas características importantes: a revisitação de fatos históricos por meio de narrativas com uma grande quantidade de detalhes do passado do país do autor; a constante referência aos mitos tradicionais, buscando deixar na memória certas crenças dos povos que viveram e vivem em Angola; a

questão da identidade do cidadão angolano, por meio da busca do autoconhecimento de suas personagens que por muitas vezes são complexos. São apresentadas análises de três propagandas<sup>5</sup> que tratam de um Programa do Governo Federal, com o objetivo de convocar jovens, adultos e idosos para dar continuidade ao processo educacional oferecido pela instituição escolar.

### 3.2 AS AVENTURAS DE NGUNGA, DE PEPETELA



Figura 4: Capa do livro *As Aventuras de Ngunga*

Fonte: <https://www.amazon.com.br/As-Aventuras-Ngunga-Pepetela-ebook/dp/B00JPSFQIY>

A obra *As Aventuras de Ngunga* se oferece como livro didático composto de vinte e oito capítulos ou lições e um vigésimo nono capítulo, intitulado "Para terminar" e que, portanto, funciona como uma conclusão.

A obra foi escrita em 1972 e publicada em 1973 em forma mimeografada pelos serviços de cultura do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). A narrativa se passa em meio à guerrilha na floresta, em plena organização de lutas pela libertação do país, enquanto ainda colônia de Portugal. Conte (2010) afirma que os capítulos desta obra tinha o objetivo de servir como uma ferramenta didática para os guerrilheiros no que se diz respeito à alfabetização e à comunicação:

A ideia primeira da publicação do texto de Pepetela era a de auxiliar na alfabetização dos pioneiros do MPLA; o alto índice de analfabetismo e a dificuldade na comunicação entre os pares da resistência ao colonialismo português faziam com que emergisse uma dificuldade que antes não era tão perceptível como se configurava naquele momento da História: a palavra

escrita tomava uma importância antes não tida. (CONTE, 2010, apud SCHMITT, 2015, p. 8).

A instituição escolar ainda é um grande desafio para um sistema colonial que o usa como instrumento de dominação. Naturalmente, em *As Aventuras de Ngunga* revela-se o ponto de vista dos colonizados privilegiados, para que a escola seja percebida como um instrumento de libertação que deve ser apropriado. A escola colonial destinada à formação, por assimilação, de uma elite pequena e predominantemente urbana.

No primeiro capítulo de *As Aventuras de Ngunga* o narrador apresenta um diálogo entre duas personagens, Ngunga e Nossa Luta, ambos conversam sobre r ou não a um médico, chamado de socorrista, tratar de uma ferida no pé de Ngunga. Em seguida o leitor passa a conhecer um pouco da história de vida sofrida do garoto:

Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que era já velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou o peito. Só ficou Mussango, que foi apanhada e levada para o posto. Passaram quatro anos, depois desse triste dia. Mas Ngunga ainda se lembra dos pais e da pequena Mussango, sua irmã, com quem brincava todo o tempo. (PEPETELA, 1983, p. 04)

Observa-se que a narrativa já começa esclarecendo que os colonialistas são inimigos e que mataram os pais do menino, além de que o narrador dialoga com o leitor afirmando que esta parte da história é só o início, pois ainda há tempo de conhecer todo o resto dela.

Ngunga viaja de um kimbo a outro demonstrando que mesmo com pouca idade aprendeu a andar sozinho e que conhece bem os caminhos que anda pela floresta, assim como sabe notícias e novidades que se passam com as pessoas, participando de festas, conversando e se atualizando das últimas notícias, porém mesmo fazendo tudo isso, há um ar de melancolia nele quando se coloca a pensar:

Era preciso voltar ao kimbo. Ngunga hesitava. Estava ali tão bem, sentado na areia, os pés dentro da água! Porquê ter de abandonar aquele local? Ninguém o esperava no kimbo, ninguém ficaria preocupado se ele se atrasasse, ou mesmo se não aparecesse. Podia dormir na mata, ou partir para o Chikolui, ou o Kembo, ou o Cuanza, ou o Cuíto. Ou mesmo para a Zâmbia. Ninguém perguntaria: « Mas onde está o Ngunga? » (PEPETELA, 1983, p 09)

Percebe-se que Ngunga mesmo sendo auto-suficiente sente falta de alguém que se preocupe com o seu bem-estar, alguém que sinta sua falta, alguém que cuide dele por gostar

dele ou por ter carinho e não simplesmente por ter pena do menino órfão.

Em certo momento da narrativa a desconfiança toma conta do personagem ao analisar sua situação no kimbo de Kafuxi, já que o mesmo enganava os guerrilheiros que iam até lá se alimentar dizendo estar com pouca comida, sendo que guardava para trocar por bens. Ngunga se mostra um herói moral, corajoso e virtuoso, tudo ao mesmo tempo, pois se opõe ao líder de seu próprio acampamento, por ele estar fazendo algo errado, ele havia sido escolhido pelos líderes rebeldes e deveria resolver o problema de reabastecimento dos guerrilheiros, mas não o faz, apenas engana os outros.

Esta situação faz com que o menino se revolte e fuja em busca de um novo lugar que pudesse ficar. Marcelo Jose Caetano (2006) aborda essa passagem da seguinte forma:

De um lado, está Kafuxi, velho oportunista que procura lucrar em todas as situações e que se situa aquém dos ideais que deveriam estar inscritos na consciência do colonizado em sua luta libertária. De outro lado, encontra-se Ngunga, como uma consciência que evolui para um estágio de comprometimento com os propósitos da luta que se trava em seu país, pois sabe da solidariedade que se deve exercitar na edificação de uma nação livre (CAETANO, 2006, p. 45-46)

Então nesta fuga, ele encontra guerrilheiros que o acolhem, o alimentam e o cuidam, conquistando sua admiração e um sentimento familiar, além de se espelhar neles querendo também ser um guerrilheiro.

Ngunga está ansioso para conhecer o líder guerrilheiro desde que ouviu falar de sua exploração porque a guerra está no centro de todas as discussões, já que gostava de ficar nas fogueiras, à noite, ouvindo cenas de guerra contadas pelos homens.

Ao ser apresentado ao comandante Mavinga, este disse que ele não tinha idade para guerrilhar e que deveria ir para a escola, afirmando que a secção não era lugar para ele. Levado pela curiosidade de conhecer um professor, que até então não havia conhecido em suas andanças, concordou em ir para a escola. Para a o comandante:

A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim, o seu trabalho seria útil. As crianças deveriam aprender a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a Revolução, que era para o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados. (PEPETELA, 1983, p.24-25)

Então a escola era usada para que os futuros guerrilheiros fossem alfabetizados,

para que fossem disciplinados, ou seja, entendessem as ordens e até as questões de hierarquia, mas também para que conhecessem coisas relacionadas à natureza e a manusear armas e caçar, ensinamentos que seriam úteis futuramente.

Mas Ngunga não apenas ficou a aprender, ele ensinou algo ao seu professor União, que já havia percebido que ele era um bom garoto e esperava que os outros reconhecessem os seus erros. Ele falou da maldade que estavam nos homens adultos e aqueles que eram bons, seria por possuir alguma característica de criança:

- O Chivuala já é quase um homem. É por isso que começa a ficar mau e invejoso.
- Para ti todos os homens são maus? Só as crianças são boas?
- Sim.
- Eu então também sou mau?
- Não – disse Ngunga. – O camarada Professor é capaz de ser ainda um bocado criança, não sei. Por isso ainda é bom. Mas também é mau. Com o Chivuala, foi mau. Não devia mandá-lo embora. Trouxe-o do Kuando, deveria ir com ele. E podia ser que ele se modificasse, com uma ameaça forte. (PEPETELA, 1983, p. 32)

Ngunga continua aprendendo na escola, quando certo dia são atacados por colonialistas, esse episódio mostra que o professor estava preparado para qualquer ataque já que havia cavado um trincheira na porta de casa para se protegerem em emergências. Nota-se que durante o ataque eles lutam com tudo que têm, porém as armas e as munições acabam não sendo suficientes, resultando no professor ferido e Ngunga precisando de render com a humilhação da derrota.

Deve-se notar que Ngunga, quando feito prisioneiro, finge não entender a língua do inimigo, o português, para que as perguntas de seus carcereiros sejam traduzidos para a sua língua; para se proteger e evitar perguntas embaraçosas, ele finge falar apenas sua língua materna, a mbunda: "Ngunga percebia um bocado português, mas fingia que não. O outro não adicionado, mas nada." (PEPETELA, 1983, p. 37). Neste jogo de línguas, em que a superioridade linguística de Ngunga se manifesta porque ele também conhece a língua do inimigo, que ele se recusa a falar, deve-se notar que a língua africana local é fundamental porque, nesta situação de crise, contribui para a sobrevivência de Ngunga, que faz parte da veia nacionalista dessa história.

No cativeiro, Ngunga descobre que um guerrilheiro havia sido capturado no dia anterior e traiu a causa entregando ele e o professor para o inimigo, já que União era quem lera todas as instruções de organização do movimento de libertação. O menino então se

tornou servo do comandante da polícia. O cozinheiro com quem passou a conviver cultuava os portugueses pelas inovações trazidas por eles aos colonizados, como o acesso à tecnologia, à luz elétrica e aos carros, comparando isso à sua visão de que sem tecnologias eles viveriam a andar nus subindo em árvores (PEPETELA, 1983, p. 37).

Ele tentou libertar União, o professor, mas não conseguiu pois este seria levado a Portugal, mesmo assim as últimas palavras do professor declaravam o pequeno como um dos pioneiros do Movimento Popular de Libertação da Angola, fazendo-o corajoso para atacar e matar o chefe da polícia e fugir pelas matas com algumas de suas armas. -Ngunga encontra abrigo em meio à natureza, cuja liberdade o faz questionar o bem e o mal, a luta e a submissão (SILVA, 2017, p, 221), lembrando de todos os amigos que perdeu e de seus pais ele conclui que todos tinham uma coisa boa e em comum, eles se recusavam a ser escravos, não aceitavam o padrão colonialista e lutavam por liberdade.

Ngunga andou três dias perdido na mata, entre rios que lhe davam água e se alimentando com mel, até que encontra outros guerrilheiros com outro comandante que o ajudaria a chegar até Mavinga. Nesse ínterim ele conhece Uassamba e se apaixona por ela:

Finalmente ela apareceu. O mundo deixou de existir, os barulhos dos pássaros pararam, as moscas desapareceram, as cores das borboletas da mata morreram. Só ela existia, viva, à sua frente. Ngunga tremia e não sabia o que fazer, o que falar, para lhe responder ao cumprimento. Uassamba estava ajoelhada aos seus pés, batendo as palmas, e Ngunga dominava o mundo. (PEPETELA, 1983, p. 51)

Ao saber que Uassamba era casada e havia sido comprada por seu marido, ele quis fugir com ela, mas foi aconselhado por Mavinga de que estes eram os costumes e que tinham que ser respeitados. Ele então ao ver que não podia mudar isso naquele momento, sentiu raiva de todos, mas entendeu que o mundo precisa mudar, que ele precisava agir, deixando seus amigos, seu amor e até seu próprio nome para poder traçar uma nova realidade. Ele então vai embora sozinho para a escola, em busca de conhecimento para ter um futuro melhor.

Segundo Caetano (2006):

-o pequeno órfão \_morreu\_, efetuou a passagem para a existência adulta, assumindo novo nome e nova vida, \_desaparecendo do cenário da luta como presença física reconhecível, mas ressurgindo como símbolo da esperança, dos ideais libertários de seu povo. (CAETANO, 2006, p. 48)

Ao fim da narrativa, Nunga percebe que o estudo na escola é importante para tentar mudar o mundo, inclusive tradições questionáveis. *As Aventuras de Ngunga* deve cumprir uma função didática e moral. Na obra, a visão de mundo é necessariamente menos problematizada, mais simplista do que um trabalho pouco marcado ideologicamente: trata-se de um livro de circunstâncias a serviço de uma causa e em benefício de um público em particular. O leitor participa de confrontos dialógicos, ponto de vista contra ponto de vista, porque o tema da guerra colonial se presta, é claro, ao confronto de dois discursos ideologias irreconciliáveis, que alimentam a dramática tensão dessa narrativa onde a guerra é frequentemente representado indiretamente.

A história aparece desde o início como uma conquista histórico-social coletiva. O título, que induz a uma dinâmica da ação romancista, também é muito atraente para jovens leitores. De fato, é a palavra "Aventuras" e não "História" ou, melhor ainda, "Estórias", um termo prático em português para anunciar o lado fictício de uma história, que Pepetela manteve aqui, apesar da ligação óbvia entre a história de Angola e a pequena história a caráter autobiográfico contada: o itinerário iniciático de Ngunga pode ser lido como uma aventura exemplar; é de fato uma história no ritmo épico a partir do qual o destino do herói se transformou positivamente. Então, jovens, educados pelo exemplo de Ngunga, entenderão facilmente onde está o seu interesse.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Moçambique e Angola passaram por uma ruptura política, social e cultural muito intensa após suas independências e isso refletiu na literatura africana escrita de forma que se criou uma necessidade de resgatar e contar a história de todas as formas possíveis e existentes. A experiência que os povos angolanos e moçambicanos tiveram com a colonização faz parte de sua memória coletiva e de sua identidade cultural.

A língua portuguesa é uma herança dessa colonização e com ela a literatura africana escrita em língua portuguesa surge. O trabalho de Mia Couto é caracterizado por uma ânsia pela afirmação da cultura moçambicana tradicional, é o reconhecimento de que, mesmo em um estado planejado, pessoas estão impedidas de participar da dominação da tomada de decisão.

O trabalho do moçambicano traz uma nova consciência ou uma consciência entre os setores tradicionais da sociedade que são atingidos por mudanças. O governo empoderou diferencialmente certos grupos, que efetivamente privilegiaram normas de um grupo, tornando a assimilação discursiva uma condição para participação no processo de tomada de decisão política, resultando na aniquilação do multiculturalismo.

Na literatura de Couto, ainda há um empoderamento de posições e identidades particulares de sujeitos em um site ou espaço literário. Seus textos atuam como representantes dos povos da nação e servem como um símbolo de resistência contra várias formas de opressão. A representação da vida se manifesta contra a opressão de seus antigos colonizadores e governantes atuais e expressa o desejo de incorporar valores de uma sociedade pré-colonial idealizada. O trabalho de Couto é um espaço público construído para dar acesso a certas vozes, que ele percebe como oprimido, excluindo outros, que ele percebe como sendo os opressores. A sua literatura é uma obra centrada em Moçambique que abre caminho para práticas libertadoras e intelectuais de desobediência.

Couto escreve em português, mas sua escrita não é uma cópia colonial, mas uma coisa em si mesma que ocupa um espaço cultural por si só. Seus textos são um contra-discurso e não uma prática paralela. Sua literatura afirma a cultura local e mostra como a língua portuguesa é moldada pelas experiências vividas das populações que incorporam tradições culturais não ocidentais expressando os sistemas tradicionais de crença. O autor recupera sujeitos excluídos da literatura literária dominante.

Em seu conto –O menino que escrevia versos|| (2003), o autor traz uma família

moçambicana que possui alguns costumes tradicionais, como a relação com o trabalho que passa de pai para filho, além de tratar do assunto da leitura e da escrita de forma peculiar ao colocar um pai que se coloca contra os ensinamentos passados na escola ao seu filho.

Pepetela, por sua vez traz em suas obras o desenrolar histórico de Angola usando personagens que transmitem esses conhecimentos e fazem com que o leitor reflita sobre as situações contadas. Por seu caráter didático e militante, didatismo e ativismo visando sempre a transmissão de valores, o romance de Pepetela, *As Aventuras de Ngunga*, por sua vez, é um exemplo de uma literatura circunstancial de combate produzida na África, durante as guerras de independência ou guerra civil, onde o gesto heroico, realizado pela conquista da liberdade e de um território.

Pepetela exalta as virtudes de Ngunga, uma espécie de herói guerrilheiro africano, e o transforma em lenda, por razões claramente ideológicas, em gesto coletivo, uma lenda que ele atualiza e finge autenticar escrevendo sobre um momento histórico e, portanto, testemunha de eventos. De fato, ele encenou heróis envolvidos na luta pela independência e revolução, luta que o escritor mitifica; obviamente, a criação de um herói nacional é motivada pelo tema da guerra, bem como a função didática inicialmente atribuída a este livro para a juventude, esse tipo de livro geralmente é destinado à transmissão de valores.

Em *As Aventuras de Ngunga*, a alegoria é um processo literário que prova ser particularmente eficaz em transmitir, de maneira disfarçada, valores ideológicos por causa de seu poder de evocação: União não é uma pessoa comum por causa do próprio nome que leva e que o torna, sem ambiguidade, um herói moral, coletivo, carregando um valor ideológico claramente identificado como ilustrado de alguma forma pela metáfora, que aqui está um militante poético. Quanto ao aspecto argumentativo da narrativa, as razões apresentadas por Ngunga, por exemplo, para explicar suas ações são um tanto simplistas e, acima de tudo, pretendem justificar sua ação heróica, incluindo o campo de detenção.

O narrador pode orientar as emoções do leitor e também pode estar muito presente na narrativa, onde ele também está longe de ser um narrador impessoal, pois é testemunha de eventos. As duas narrativas discutidas possuem pontos convergentes, mesmo tendo sido escrita em épocas diferentes e por escritores oriundos de países diferentes.

*As Aventuras de Ngunga* e *O menino que escrevia versos* são duas histórias que giram em torno de jovens meninos e seus feitos, crianças que mesmo com pouca idade possuem uma sabedoria incrível que choca alguns personagens que estão aos seus redores e

choca, por vezes, até o leitor, crianças de personalidades fortes, que cada uma a seu modo se destaca em seu meio.

Cada uma das histórias traz retratos de realidades sofridas, cada uma de sua forma, mas ambas são realidades fizeram com que as comunidades ou países se desenvolvessem. Elas trazem também o conhecimento de algumas tradições culturais, como a compra de esposas e o casamento sustentado apenas pela convivência.

Enfim, este estudo é uma prova que história e literatura estão inteiramente ligados e que a partir delas é possível perceber e adquirir valores e conhecimento sobre a história da língua portuguesa ao redor do mundo.

## REFERÊNCIAS

BRAÚNA, José Dércio. **A História Em Transe: Questões Pós-Coloniais Moçambicanas Na Obra De Mia Couto**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192\\_8cfbf25002381edfd491556d057f42a0.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192_8cfbf25002381edfd491556d057f42a0.pdf)> Acesso em: 27 nov. 2021.

CAETANO, Marcelo José. **A pedagogia da esperança em *As aventuras de Ngunga***. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/13937/10949>> Acesso em: 27 nov. 2021.

CAMPOS, Josilene Silva. **As Representações Da Guerra Civil E A Construção Da Nação Moçambicana Nos Romances De Mia Couto (1992 2000)**. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/2347>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Anticolonialismo, Literatura e Imprensa em Moçambique**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439765325\\_ARQUIVO\\_TextocompletoANPUH.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439765325_ARQUIVO_TextocompletoANPUH.pdf)> Acesso em: 27 nov. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994.

CHAVES, Rita. **A pesquisa em torno das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: pontos para um balanço**. Revista Crioula – nº 7 – maio de 2010. Disponível em: <[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nyCpJJR8H\\_AJ:https://www.revistas.usp.br/crioula/article/download/55236/58865/69305+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nyCpJJR8H_AJ:https://www.revistas.usp.br/crioula/article/download/55236/58865/69305+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 26 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **O Passado Presente Na Literatura Angolana**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 245-257, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367/8469>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro, Bestbolso, 2011.

FONSESA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e oralidade africanas: mediações**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/5327/16038>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

LAURITI, Thiago. **As aventuras de Ngunga, de Pepetela: muito além da cartilha. Via Atlântica**, 2008. Disponível em: <

<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50408/54531>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

LEITE, Ana Mafalda. **Perspectivas Teóricas E Críticas Nas Literaturas Africanas & A Perspectiva Póscolonial**. Diadorim, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4052/15480>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MARIANI Bethania. **Da colonização lingüística portuguesa à economia neoliberal: nações plurilíngües**. Gragoatá Niterói, n. 24, p. 71-88, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33160/19147>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MATA, Inocência. **O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa**. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033274/mod\\_resource/content/1/MATA%2C%20Inoc%20%C3%A2ncia%20-%20O%20p%C3%B3s-colonial%20nas%20literaturas%20africanas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033274/mod_resource/content/1/MATA%2C%20Inoc%20%C3%A2ncia%20-%20O%20p%C3%B3s-colonial%20nas%20literaturas%20africanas.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pepetela: um escritor (ainda) em busca da Utopia**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 243-259, 1999. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10318/8436>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. 10ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1978.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Literaturas Africanas E Formulações Pós-Coloniais, De Ana Mafalda Leite**. Via Atlântica, 287-291, 2005. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50028/54159>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1983.

RIBEIRO, Orquídea. MOREIRA, Fernando. **Identoralidade(S) Em Mia Couto**. Rev. Let., São Paulo, v.59, n.1, p.135-149, jan./jun. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/12346/8848>>. Acesso em: 27 nov. 2021

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Por entre memórias e silêncios: representações literárias das guerras em Angola e Moçambique**. Disponível em < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4409/4569>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SILVA, Marcos Vinicius Caetano da. **As Aventuras de Ngunga: entre a novela e o romance**. Campo Grande, 2017. Disponível em <<https://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3561/7164>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SOUZA, Warley. **"Pepetela"; Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/literatura/pepetela.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2021.